



# Piloto da aeronave evitou o pior

Segundo autoridades, o comandante do voo escolheu uma área aparentemente desocupada com vegetação para tentar amortecer a queda

DA REDAÇÃO

O local da queda do avião, que vitimou o presidenciável Eduardo Campos (PSB) e outras seis pessoas, não foi por acaso. Os comandos da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros, que iniciaram os trabalhos logo após a confirmação do acidente, pela manhã, acreditam que a área escolhida foi a melhor opção, diante de todas as circunstâncias.

Uma casa aparentemente desocupada, com um denso bambuzal e outras árvores no entorno, além de uma piscina, onde não havia ninguém. Esse é o cenário que, de acordo com os comandantes das duas instituições, pode ter feito com que o piloto da aeronave tenha tentado realizar um pouso forçado e evitar maiores e graves danos externos.

“A gente vê que ele (o piloto) procurou um lugar. Acreditamos que não houve qualquer explosão no ar, pois o piloto estava consciente para tentar esse pouso e poupar as vidas”, afirmou o diretor do Departamento de Polícia Judiciária de São Paulo Interior - 6, o delegado Aldo

## Impacto

Logo após o acidente a polícia pediu aos moradores dos quarteirões próximos para desligarem o gás. O temor era de novas explosões. Algumas ruas e residências ficaram sem energia elétrica durante todo o dia. Serviço que seria restabelecido até o fim da noite, de acordo com a Defesa Civil. A instituição interditou dez imóveis afetados pelo acidente. Cinco foram atingidos pelo fogo e a liberação

Galiano Junior, no início da noite de ontem.

O delegado, que comanda as investigações por parte da Polícia Civil, ao tentar interpretar a situação de emergência, acredita que os pilotos possam ter imaginado que a área verde, com bambus, poderia amortecer a queda. Da mesma forma, a piscina, com água, poderia conter o fogo. E a casa abandonada não deixaria vítimas.

Além dos imóveis térreos residenciais, pequenos prédios (de até três andares) e alguns

depende de vistoria detalhada, realizada pela Defesa Civil e Aeronáutica. Os outros tiveram danos de menor impacto, como telhas e vidraças atingidas. No total, 50 pessoas ficaram desabrigadas. Em nota, a Prefeitura informou que nenhum imóvel foi liberado, pois faltou concluir a varredura para identificar e retirar destroços e restos mortais.

estabelecimentos comerciais, como a Academia Mahatma, que teve parte do telhado destruído, o local da queda tem pelo menos três edifícios. Dois deles com 12 andares, que se localizam em frente ao local da queda, e um ao lado, de nove andares.

Galiano acredita também que a arremetida na Base Aérea de Santos tenha ocorrido por falta de visibilidade em razão do tempo chuvoso. Segundo ele, a aeronave inclinou à esquerda para sobrevoar San-



Partes da aeronave foram recolhidas em pontos distintos do local do acidente e serão alvo de perícia

tos e, assim, conseguir uma nova aproximação segura até a pista de pouso (veja infográfico nas páginas 4 e 5).

Tese semelhante defende o coronel Cássio Roberto Armani, comandante do Corpo de Bombeiros do Interior. “A aereo-

nação bateu, uma boa parte dela, numa edificação abandonada. A piscina está com água suja e não havia ninguém no momento no local”, destacou, ao referir-se a possível manobra dos pilotos.

“Suponho que não foi por

caso que ele tenha desviado para não atingir essas pessoas que moram no entorno”, destacou, afirmando que o trabalho dos bombeiros, iniciado às 10 horas da manhã, não tinha prazo para encerrar.



Trabalho de identificação das vítimas fatais começou ontem à noite

## IML da Capital identifica os corpos

■ No início da noite de ontem, o Instituto Médico Legal de São Paulo começou a trabalhar na identificação dos corpos e dos restos mortais das vítimas do acidente. Ao todo, 30 profissionais de perícia contarão com apoio de agentes da Polícia Federal. Especialistas em genética forense também auxiliam os trabalhos, que deverão durar até três dias.

“Já conseguimos recolher 90% dos restos mortais”, garantiu o diretor do diretor do De-

partamento de Polícia Judiciária de São Paulo Interior - 6, o delegado Aldo Galiano Junior, na noite de ontem. O trabalho é realizado, desde o início da tarde, pelos soldados do Corpo de Bombeiros, agentes do Instituto Médico Legal (IML) e socorristas de prontidão.

De acordo com o delegado, foi ele o responsável por evitar que os parentes do presidenciável Eduardo Campos, e dos demais passageiros, não visitassem o local do acidente. “Estive

com todos eles na Prefeitura de Santos e os convenci de que este não era o momento para que eles fizessem isso, uma vez que as buscas têm que continuar”.

Segundo o Corpo de Bombeiros, foram atingidas, ao todo, dez casas, cada imóvel com pelo menos 200 metros quadrados (totalizando 2,6 mil metros quadrados de área atingida). Toda a região foi dividida em quatro quadrantes, sendo o principal deles o local da que-

da, justamente para facilitar a localização de destroços e restos mortais.

No final da noite, as equipes se dividiam entre 16 sítios. O diretor da Polícia Civil explicou que todos esses locais foram direta ou indiretamente impactados com os destroços ou com os restos mortais. Por isso, o trabalho foi reforçado e será realizado, em esquema de revezamento, por todos os grupos envolvidos.

## 11 pessoas tiveram ferimentos leves

■ Onze pessoas ficaram levemente feridas no acidente aéreo de ontem em Santos. Os nomes das vítimas não foram divulgados.

Cinco foram atendidas no PS Central, das quais quatro apresentaram queimaduras: um casal, ambos com 29 anos, sua filha de 9 e uma mulher de 35. Uma senhora de 70 anos passou mal e foi socorrida no local.

Já a Santa Casa de Misericórdia de Santos atendeu seis vítimas, todas com ferimentos le-

ves: uma idosa de 78 anos, um rapaz de 29 anos, duas mulheres, de 34 e 37 anos, e duas crianças, de um ano e meio e outra de 9.

Segundo o hospital filantrópico, apenas o bebê segue em observação, mas não corre riscos e deve ser liberado hoje. Ele tem pequenas queimaduras e estava acompanhado da mãe que, abalada, não quis conceder entrevista.

**POR POUCO**

A dona de casa Maria Esther

Homem Bittencourt, que mora na Rua Alexandre Herculano, 73, se assustou com o forte barulho da queda do avião. Ao perceber que estava bem, ajoelhou para agradecer a Deus. “Foi quando a porta da sala onde eu estava voou por cima da minha cabeça. Então, eu pensei que se não tivesse ajoelhado seria atingida”.

O apartamento da funcionária pública Márcia Regina Lopes fica no segundo andar de um prédio vizinho. “Minha ja-

nela foi destruída e eu, arremessada no chão”. Ela é uma das moradoras que na tarde de ontem buscavam respostas. Um grupo chegou a pressionar a Defesa Civil.

Isso porque devido ao trabalho de perícia, ninguém podia entrar nos imóveis. Por pouco a dona de casa Maira Porchat de Assis não conseguiu separar a roupa para os filhos. Na incerteza, achou melhor garantir a noite deles na casa de um parente.



Com exceção de um bebê, todos os feridos foram liberados ontem



Duas pessoas morreram na queda de ultraleve em Peruíbe, em 2013

## Região já registrou outras quedas

■ Esta é a quarta vez que cai um avião do fabricante Cessna na Baixada Santista. Mas é a primeira vez que os tripulantes morrem no acidente. A primeira ocorrência foi em 5 de dezembro de 1976, com um Cessna-170 de prefixo PT-ACL.

Na ocasião, com três pessoas a bordo, uma pane no leme da direção fez com que o avião perdesse o eixo, desse um para-fuso e caísse em cima de uma

Brasília, em Praia Grande. Quatro pessoas se feriram.

Ainda em Praia Grande, em 2 de janeiro de 1987, o monomotor Cessna prefixo PT-172 caiu no quintal de uma residência no Campo da Aviação. Uma dona de casa e seus cinco filhos estavam na moradia quando o avião caiu, com três ocupantes. A queda foi amortecida por uma árvore e ninguém se feriu.

A terceira queda também

aconteceu em Praia Grande, na Vila Tupy, no dia 23 de dezembro de 2009. O monomotor Cessna, prefixo PT-AGV, caiu a 150 metros da faixa de areia, onde havia banhistas. O piloto saltou da cabine com o avião a três metros do mar e sofreu escoriações.

**CASOS FATAIS**

O primeiro caso com vítima fatal é de 4 de outubro de 1975,

quando um monomotor caiu no antigo Aeroclube de Praia Grande. O piloto foi carbonizado após executar uma manobra arriscada.

Em 16 de novembro de 1996, um avião da Esquadriha da Fumaça, que fazia acrobacias no Canal 2, em Santos, caiu na praia e matou um banhista.

O último registro de acidente aéreo na região é de 1º de junho de 2013, quando duas pessoas morreram na queda de um ultraleve na Praia das Ruínas, em Peruíbe. Uma das asas se despreendeu.